

Prefácio¹

Lutar com e pelo prazer: as pistas do corpo para buscar caminhos

Ricardo Burg Ceccim

Alcindo Antônio Ferla

Daniel Canavese de Oliveira

Lutar pela livre orientação sexual, livre expressão corporal de masculinidades e feminilidades; lutar pelo direito ao prazer com um corpo que sente e deseja; lutar por um corpo que experimenta e vive o querer-se; lutar por um corpo que pode afirmar sua diversidade e o prazer de singularizar-se, lutar tendo a posse do prazer, eis uma disposição pelo que e como lutar. O prazer como seleção de caminhos de luta e invenção de territórios, lutar em coletivos que nomeiam o prazer, defender o prazer, não ter medo do prazer. Prazer de poder ser. O prazer como cartografia de luta. Falamos em “prazer”, como poderíamos falar em “desejo”, em “afeto” ou em “micropolítica”, conforme nos fizessemos acompanhar por Foucault, Guattari, Spinoza ou Deleuze/Guattari.

Citamos dois cartógrafos dessa luta, Rico Dalasam e Linn da Quebrada, para falar das pistas do corpo à luta com e pelo prazer, o que somente pode ser sabido pelo corpo, posto que a experimentação do prazer requer o corpo. Escolhemos esses dois cartógrafos do corpo, pois nos apresentam as paisagens de sua cartografia em e com seu próprio corpo. São cartógrafos do resistir e, por isso, do existir de corpos sensíveis e em luta pelo prazer de ser. Sua cartografia está na cena cultural brasileira com a música, a dança e a criação estética. Junto com muitos artistas brasileiros do segmento LGBTQ+ que entraram na cena cultural brasileira especialmente a partir do ano de 2015. Eles vieram interferir no rap e no funk nacionais, como ouvintes e dançantes, e, depois, como transgressores criativos e vitalizados do mesmo rap e funk que lhes deu potência de ser para seguir essa potência intercessora de ser, resistir e existir.

Diz Rico Dalasam: “A vida me fez flor, no mesmo corpo fez granada”. E Linn da Quebrada afirma: “A minha existência é manifesto”. Dois artistas brasileiros, negros, de origem na periferia pobre das cidades de Taboão da Serra e de São Paulo, um gay, uma travesti, ambos em contato com resistir, persistir, existir. Manifesta Dalasam: “minha imagem é uma tentativa de comunicar como eu faço para existir e resistir”.

¹ O presente texto corresponde a um documento original de Ricardo Burg Ceccim, acrescido dos informes sobre a interação de editoras e a reunião de parcerias acadêmicas por Alcindo Antônio Ferla e sensível à presença participativa de Daniel Canavese de Oliveira no evento que dá argumento a este prefácio.

Explode Linn: “Batam palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia conquistar o seu direito de viver, de brilhar e de arrasar”. Segundo Dalasam e Linn, temos de apontar o que vem no futuro, como serão as coisas ali na frente, para isso a arte, para isso os seus corpos, para isso escrevem poesia, as cantam e dançam. Lutam com o prazer (da poesia, da dança, da música e da estética de roupas, cabelos e cores pelo rosto e corpo) na defesa de um mundo mais livre e aberto para a diversidade (de nossos gêneros, sexualidades e cores de pele). Lutam por criar e construir imaginários que tornem possível a vida de gente que está no invisível, que está “à margem das margens” (Rico) ou cujo “segredo é ignorado por todos, até pelo espelho” (da Quebrada).

Dalasam não quer só o orgulho de existir, quer “orgunga” por existir (orgulho negro e gay por ser e para ser negro e gay). Orgunga é o orgulho de ser diverso daquilo que é aceito como norma, vivido por quem já experimentou a vergonha de ser o que é. Aceite-C foi um hit de Rico Dalasam para 2015. Linn diz não ser nem ator, nem atriz, é atroz. Linn da Quebrada fala sobre inventar uma história, criar afetos, produzir sexualidades, diz que podemos falar sobre sexualidade e gênero, mas que essa fala é sobre corpo, existência e vida. É hora de “enviadescer”, gostar das afeminadas, das que mostram muito a pele, rebolam, saem maquiadas. Na luta pelo prazer, não se trata do interesse por um grande pau ereto, mas de, com o macho, bater um papo reto. Rico Dalasam fala que é preciso tomar a capacidade de sentir para transformá-la em arma de expressão e Linn da Quebrada (“linda quebrada”, brinca ela), diz que, mais que uma bicha trans, é um corpo em produção de si mesmo, um corpo em devir. Orgulho trans, gay, negro, feminino (Linn).

O artista e a artista construíram seus nomes de luta em composição de seus nomes de batismo. Ricardo (ou Jeferson Ricardo) usou se seu apelido de casa para Ricardo (Rico) e resumiu uma pauta em sobrenome. Dalasam é “Dispondo Armas Libertárias A Sonhos Antes Mutilados”. Lino (ou Lino Junior) apanhou Linn e usou de seu lugar de vida, as quebradas de Vila Elmaz (São José do Rio Preto) e da Fazenda da Juta (Zona Leste de São Paulo), para propor um “sobrenome”: da sarjeta, da periferia, da negritude, isto é, da Quebrada. Para ambos, não mais corpos vergonhosos, mas corpos orgulhosos ou corpos orgunga. Orgulhosos de orgulho que vem depois da vergonha (Rico), descobrindo o corpo como uma possibilidade de ocupação estética e política (Linn). Diz a Linn: “venho de um corpo e uma existência que não podem existir e que, se existirem, merecem ser punidas”. MC Xuxu evoca: um beijo pras travesti, um beijão pras maloqueiras, um beijo pra quem é do bem, um beijão para o meu bonde!

Conta Rico: “a gente toca numa faixa [encosta num limiar] que te coloca abaixo da capacidade de sonhar”. Sobre a luta, Linn relata que não é por uma identidade, mas umanatureza que possa se pôr em resistência e existência. Rico lembra que resistir e existir é uma condição onde você ressuscita alguns sonhos ou você descobre o que é sonhar e começa a construir um ideal sobre as coisas. Em parceria com Pablllo Vittar, Rico Dalasam fala em não esperar o carnaval pra ser vadia, mas ser todo dia. A brava drag Pablllo Vittar grita e acrescenta à letra e música: ressuscita!

Para Linn, se trata de ocupar espaços com “nossa voz, nossos corpos, nossas vidas”, a fim de que outras pessoas saibam “que pessoas como eu existem”, mostrar-se e deixar que o diverso

se encontre até o ponto em que as oposições se resignifiquem. Depois que você lança arte, criação, vida, aquilo vai existindo, as coisas tomam caminhos que uma identidade não suporta. Ana Roxo, dramaturga e atriz escreve: “eu acredito em vida terna, eu quero ser aceita, eu só quero ser aceita (pra mim, pra si, pro sol), eu me perdo, eu doo, eu dou, eu faço eu”. Segue a Linn: “ser Trans é poesia. É assumir-se corpo. Ir além. Ser criação e criadora. A médica e a monstra. Ser Trans é divino. É obra de d'eus, de todos os eus que me constituem. Não é obra das trevas. É obra das travas. Ser trans é um ato de coragem”. Linn conhece a geografia da rua e fala da geografia da ocupação: o corpo é um espaço a ser ocupado, um território a ser conquistado diariamente e afirmado cotidianamente. “A partir do momento que vou ganhando território dentro de mim mesma, eu sinto que vou me ocupando, ocupando espaços em mim, ganhando esses territórios, tomando bastião de liberdade do meu próprio corpo”.

Para Rico, se trata de “resistir na dimensão que o opressor não alcança”. Nossa voz, nosso corpo, nossa vida “para mostrar que dá pé” e, assim, “colocar o corpo pra jogo”. Desafia: “a luz que tem dentro de você: deixa o mundo saber!”. Depõe ao final de sua última turnê que “entregues à morte do corpo vulnerável, conectados pela certeza de que se não chegássemos vivos em casa, a mensagem teria sido passada a quem pudesse dar sequência”. Então incita: “desejo que nunca falte fogo no cu pra tudo!”. A drag Lorelay Fox (do gay Danilo Dabague) esclarece que a arte causa contato e permite contatar o estranhamento (um exemplo é a arte drag). A drag tem um corpo obra de arte, ela vem dar esse recado: é possível ser julgado pelo que se pode montar, mas como ser julgado pelo que não se pode desmontar? Não se pode tirar o ser que se é, diz ela. Na vida, nossa arte somos nós, o que somos e temos de ser, o que somos é o querer do ser (dissemos antes: prazer, desejo, afeto, micropolítica). A drag pode chegar em casa e desmontar seu corpo-arte-drag, mas ninguém pode chegar em casa e desmontar aquilo que é. É preciso ter clareza: ninguém pode nos tirar aquilo que somos. A drag é uma performance da potência, mas a potência é nossa (o afeto em nós).

Pablo Vittar (Phabullo, que se pronuncia Pablo, irmão gêmeo de Phamella, que se pronuncia Pâmela, acrescentou Vittar como marca do seu alter ego drag, sem mudar seu nome), identificado com o grupo das “bi afeminadas”, nem por isso definindo-se por um nome feminino, ficou famoso pela versão chamada “Open Bar” para “Lean On”, do DJ Diplo (Banda Major Lazer e voz de MØ). A canção original, Lean On, diz “mande um beijo, dispare uma arma” e insiste que “precisamos de alguém pra nos apoiar, tudo o que precisamos é de alguém pra nos apoiar”.

A canção sugere que as noites podem ser aconchegantes, basta apoio, em especial (ou exatamente) o apoio que nos deixe fluir (“nós só nos segurariamos pra deixar fluir”). Para o tema que nos coloca nesse livro, é peculiar o tema do apoio para noites que possam ser as aconchegantes e para o deixar fluir. A tensão com aquilo que denuncia Linn: as travas como seres abjetos a que se reserva o escuro da noite, a invisibilidade e os perigos da exclusão. Denuncia a noite como segregação das travas. Denuncia a falta de apoio para a vida dos corpos da noite, reivindica apoio-vida para a vida-existência, apoio-vida-luta-de-resistência para a criação de existência. Pablo comenta que sua arte em música é feita para agregar, uma oposição ao segregar.

Para Linn, ser Trans é entrar em campo de batalha, entregar-se para não abrir mão de si. “O que pode ser, algumas vezes, solitário, mas tenho me encontrado em outras solidões. E tenho percebido que não estou sozinha”. Rico lembra que, de Mandume, quando compôs uma estrofe para a canção coletiva de Emicida (sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa), a Todo dia, que foi revisitada com Pablo Vittar (sobre namoro, relações de namorados e exercício da alegria), “a mesma caneta, a mesma luta”. Em Mandume ele dizia “Domado eu não vivo, eu que não quero o seu crime e nem ver minha mãe jogar rosas”. O enunciador diz que é cravo, viveu “dentro os espinhos, treinado com as pragas da horta”, já morreu muitas vezes, portanto levar bala não marca, a alma sorri se se mantiver viva a ideia de vida. “Briga é resistir nesse campo de fardas”. Paz Berti, rapper argentina (rapera) vivendo no Brasil, conta que ama a música e as mestiçagens brasileiras, funk e rap no Brasil contêm samba. Paz se define como “transmaricas” (é gay, tem barba, usa vestes e adereços femininos) e fala desse campo de fardas que assola a noite e o dia: o Estado mata índios, putas, pobres, mendigos, negros e trabalhadores.

Karol Conka (pronuncia-se “conká”), cantora negra bissexual, fala de um “atual”: sob o espírito da empatia e do falar por inteiro, o que importa é gostar das pessoas, apenas gostar de pessoas. Também mandar o seu recado, “sem massagem!” A inspiração é o que acontece ao nosso redor, chega dessa facilidade de julgamento ou de apontar dedos sem se preocupar em entender a realidade dos fatos: “tá aqui o meu recado direto, sem massagem”. Ao formular a aceitação na empatia (troca, encontro) e no dizer verdadeiro (falar franco), Karol traz as noções de amizade e parrhésia de Michel Foucault: o franco falar ou a vocalização de lutas de afirmação da vida (parrhésia) e o encontro que demanda contexto vivo e experiência de acolhimento ético da existência (amizade). Não interessa a simples tolerância, mas o absoluto respeito mútuo (amizade/empatia, parrhésia/franco falar). Saly Wellausen mostra que o parresiasista porta a harmonia entre logos e bíos, o cuidado de si comporta o cuidado do corpo até alcançar o cuidado da alma (cuidado de si, cuidado da saúde, cuidado do corpo, cuidado da alma).

O que os cartógrafos do corpo e da luta com e pelo prazer, Rico Dalasam e Linn da Quebrada – assim como o auxílio luxuoso de Lorelay Fox, Pablo Vittar, Paz Berti e Karol Conka –, colocam em cena se aproxima daquilo que Spinoza (o filósofo Baruch Spinoza, em A Ética) intitula de afeto, a cartografia feita pelo corpo para ser corpo. Sempre que o corpo se afeta com determinada afecção (imagem, ideia, corpo) ele aumenta ou diminui o seu esforço de existir vitalmente, aumenta ou diminui a sua potência de composição, de ação de vida e existência. Um afeto de vida produz mais vida, um corpo afetado pela vitalidade, produz mais vida, mais vitalidade. É preciso lutar pela vida e buscar os afetos de vitalidade. Um afeto antivida é de decomposição, destruição, de ampliação das conexões de esconderijo, risco e morte. O que aumenta a potência de vida aumenta a potência de agir e do sentir do corpo, a sensibilidade e a alegria aumentam. Existindo afecções que enfraqueçam a alegria, vulnerabilizam a vida, diminuem a potência do corpo e fragilizam a defesa da vida. Para o filósofo, quando o homem deseja que o ser do seu corpo (sua capacidade de afetar e ser afetado) e o ser do seu pensamento (o conhecimento do desejo de vida) perseverem, ele também deseja ser feliz: “ninguém pode desejar ser feliz, agir e viver bem sem, ao mesmo tempo, desejar ser, agir e viver, isto é, existir em ato” (Ética IV, Proposição XXI).

Na formulação do filósofo, na medida em que isso ocorre, o ser que já é racionalmente virtuoso torna-se ainda mais virtuoso, pois sua mente e seu corpo passam a perseverar com maior intensidade de produção de ideias adequadas e de produção de afecções alegres (de composição de vida). O interesse por um corpo potente é por um corpo que pode afetar e ser afetado, compor alegrias, compor a luta pela vida.

A luta com e pelo prazer é fundamentalmente um processo de tomada da consciência e do corpo a um só tempo, uma forma de cartografia dos afetos de alegria em contraposição ao machismo, sexismo, racismo, elitismo, uma transformação concreta pela entrada em cena dos corpos LGBTQ+, corpos que podem radicalmente modificar a estrutura da sociedade ao questionar a base primária de cada ser humano, seu corpo, não um corpo organismo, mas sua corporeidade, o corpo expressão do ser, não uma “moral”, mas uma “natureza” do corpo. . “Não lembro de ter nascido pra agradar você, eu faço o que eu bem entender. E tu vai ter que aturar, esse é o proceder!”, assim se pronuncia Glória Groove. É a intimidade, o universo de sensações que leva um corpo a perseverar na vida de sua natureza. É o contato com sua natureza que torna um corpo em defesa da vida. Sabemos que é em combate que temos de afirmar um direito ao desejo, ao prazer, ao corpo. O combate à opressão machista, sexista, racista, elitista, que nos obriga a ações sociais e políticas, coletivas e institucionais. Paz Berti, “rapper sudaka”, diz que é o lugar da agenda política libertária contra o Estado fascista, portanto, é a crítica à razão patriarcal e a crítica à razão machista e racista que precisamos colocar em movimento num sentido teórico e prático para ensejar uma sociedade diversa, às avessas da segregação e da exclusão. Podemos dizer que a luta pela livre expressão corporal vem como procedimento de demolição dos processos de poder como dominação, exploração e humilhação dos corpos marcados como sexuais e sensuais, independentemente de qualquer binariedade homem – mulher, uma vez que multiplicidades homem-mulher/mulher-homem estão em cena.

Dito isso, compartilhamos a alegria com os 24 anos do Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual no Rio Grande do Sul, completados no ano de 2015. O Nuances escolheu não deixar quieta a data, resolveu mostrar como se assumiu 24 e saiu do armário. Um grupo ocupado com as masculinidades (trans)viadas, que assumiu 24 anos de luta nas ruas, com e pelo prazer da população LGBTQ+. Para a data, estabeleceu uma parceria com o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde – LAPPACS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio de uma ação de Extensão Universitária. A atividade principal foi o Seminário Internacional “Êba, viado na pista: Nuances, 24 anos nas ruas!”, ambiente e território ao debate das transformações da sociedade, demarcações socioespaciais à segregação e exclusão, direitos humanos e das populações específicas, visibilidade e voz aos corpos sensíveis de resistência e re-existência. Numa parceria inédita da Editora da Rede UNIDA com o Projeto Editorial Nuances veio viabilizada a presente publicação com o produto e produção do Seminário, não sem a submissão aos padrões de aprovação entre editores científicos, que condicionou a seleção de textos, sua organização e o trabalho de composição editorial com privilégio à produção intelectual.

Estiveram presentes a Rede Governo Colaborativo em Saúde e o Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde), ambos da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul; o Grupo de Pesquisa Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática (INCP), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; o Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX) e o Centro de Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e de Raça (CRDH), ambos vinculados ao Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; o Grupo de Estudos Territoriais (GETE), da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR; a Rádio Web Saúde Coletiva; o Grupo Somos – Saúde, Educação e Sexualidade; a Liga Brasileira de Lésbicas – LBL; as Organizações Não Governamentais Outra Visão – liberdade sexual, identidade de gênero e direitos humanos; Criolos – educação e saúde da população trans negra, Diversxs – cidadania LGBT, Igualdade RS – Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul e Mundo Invisível – direitos dos trabalhadores sexuais; a Coordenadoria de Diversidade Sexual, da Secretaria Estadual da Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, e a Secretaria Adjunta da Livre Orientação Sexual, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre; o Conselho Nacional LGBTT e o Conselho Estadual LGBTT, além de professores do Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), dos Programas de Pós-Graduação em Educação, em Geografia, em Psicologia, em Saúde Coletiva e em Sociologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade de Buenos Aires e a Universidade Estadual de Campinas.

Em que pese toda esta representatividade e expressividade, o que mais parece produtivo é a presença em conversa daquilo que instaura certos corpos em movimento, em ato de produção de corpos, o “território” de conversas. O que os artistas LGBTQ+ brasileiros da música têm insistido: nós precisamos divulgar o trabalho uns dos outros, compor cenas musicais em conjunto. Cada espaço aberto por um deve abrir mais espaço para o outro, essa deve ser a nossa consciência e a permissão ao nosso corpo (como disse a MC Xuxu: com as gays, as bi, as trans e as sapatão o clã está formado pra fazer revolução).

O Brasil, em 2015, consolidou, fez aparecer ou introduziu diversos artistas LGBTQ+, como Aretuza Lovi, As Bahias e a Cozinha Mineira (Raquel Virgínia e Assucena Assucena), Banda Uó (Mel Gonçalves/Candy Mel, Davi Sabbag e Mateus Carillo), Daniel Peixoto, Danna Lisboa, Gloria Groove, Jaloo (Jaime Melo), Karol Conka, Lia Clark, Lineker, Liniker, Linn da Quebrada, Luana Hansen, MC Xuxu, Não Recomendado (Caio Prado, Daniel Chaudon, Diego Moraes), Pabllo Vittar, Paz Berti (argento-brasileira), Rico Dalasam e Verónica Valenttino (Banda Verónica Decide Morrer - Verónica Valenttino, Jonaz Sampaio, Léo BreedLove, Eric Lennon e Vladya Mendes), além de youtubers como Lorelay Fox e Tereza Brant, entre outros. Mencionamos esses nomes pelo poder de imposição de corpos possíveis que representam, pela expressão de que seus/nossos corpos são possíveis e podem cartografar.

Entramos em cena, diz Linn da Quebrada, para trincar a imagem-poder do macho-grande-pau-ereto-gotejante e introduzir a imagem-potência viada, posicionamento político e social contra o machismo, o Estado patriarcal, o sempre superior respeito reverente ao masculino-homem-branco-reto. Se as feministas trouxeram “o feminino na política”, o clã da MC Xuxu, segundo a voz de Linn (ambas feministas), deve (tem o dever), agora, de enviadescer a política e introduzir esse devir na vida política de nossas existências. A agenda do Nuances responde há 24

lanos pela anotação de Linn: “somos fortes e protegidas quando estamos juntas”. Diz Paz Berti: “Maricas, somos todas irmãs!”

A Luana Hansen, rapper lésbica negra (artista que veio da favela, que já morou na rua, que vendia drogas e fumava pedra antes da escolha pelo hip hop), escreveu e canta “flor de mulher” eembra que “a semente espalha tudo o que é dito”. Depois de “desapropriadas da opção do querer”, vamos fazer a quebrada ser visível, sair do patamar dos esquecidos. Afirma: sim, sou mulher; sim, tem gente arco-íris. Defende que temos de eliminar letras de música, atitudes e pensamentos machistas e racistas, mas comemora que tem professoras e escolas que usam suas músicas na sala de aula para criar debates sobre LGBTfobia, genocídio da população negra e violência de gênero. Alerta que “lésbicas, gays, bis, trans, travestis pedem acesso ao estudo, vida, trabalho, futuro” e pergunta: “Pra quem vai o seu amém? Pra quem julga e machuca? Pra quem sobrevive e luta?”

Sabemos que o Seminário que dá origem ao presente livro – ou o presente livro – dizem bem pouco quando comparados às vidas das populações L, G, B, T, T, T, Q, +, mas sabemos que toda visibilidade em dados, informações, conceitos, relatos compõem “comunidades de luta”. Candy Mel (cantora e apresentadora, negra, transgênero/mulher-trans, integrante da Banda Uó) diz: estamos aí, integrados pelo interesse na tolerância, aceitação e liberdade na comunidade LGBT, mas o segmento LGB se refere à sexualidade ou à diversidade sexual, T se refere à gênero ou à diversidade de gênero. São duas linhas que não se encontram, as lutas é que se encontram. A Mel diz assim: o que acontece daqui (o fora) pra dentro (o corpo) nem a gente sabe antes de começar a acontecer, a gente é um mar de coisas, a gente vai aprendendo; mas o que se externaliza de nós vira identidade e parece que devemos ser explicados ou dar explicação por identidades, mas que nosso corpo desconhece, o corpo tem sensações e o que ele quer.

Paz Berti lembra que são negros, pobres, índios e putas mortos, segundo geografias socioespaciais, geografias somente possíveis em um estado patriarcal, machista, fascista. Não podemos perder de vista que estamos, como disse Rico Dalasam, construindo imagens, narrativas e significações outras, corpos com flor e granada. É nesse sentido que pensamos esse livro, o seminário que lhe deu antecedência e a justificativa para a comemoração dos 24 anos: acumular potência. Potência teórica, prática e corporal. Está aí presente o conceito de interseccionalidade (uma imagem, uma ideia), trazido pelos organizadores do evento e por referências da obra, cuja maior importância, segundo nosso entendimento, está na efetiva luta pela liberdade de orientação sexual, de expressão corporal de masculinidades e feminilidades, ao prazer com um corpo que sente e deseja, ao corpo que se afeta e sabe afetar, ao corpo que experimenta e vive o querer-se, ao corpo que pode afirmar sua diversidade e o prazer de singularizar-se, isto é, tudo aquilo que dissemos em nosso parágrafo de abertura.

Tentamos um prefácio com artistas (uma imagem, uma ideia, um corpo), sugerimos a leitura desse livro, então, como coreografia: que seja usado para que corpos possam dançar, cantar e produzir a sua estética. Que a lista de entidades, grupos, universidades, governos e instâncias aqui citadas e outras sejam redes de apoio para isso!

Referências

22BANDA UÓ. Canal da Banda Uó. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/user/bandaouo>>

DELEUZE G; GUATTARI F. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE G; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia – v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 83-115.

EMICIDA OFICIAL VEVO. Emicida - Mandume ft. Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, Raphão Alaafin. [5 Dez 2016]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mC_vrzqYfQc>

ESFINGEOROBÓRICA (esfinge + oroborus = decifro-me e devoro-me). Me desapego de mim, decifrou Ana Roxo em 14/08/2008. [acesso em 02 Jul 2015]. Disponível em:
<<http://purpleann.blogspot.com.br/2008/08/eu-no-sei-quando-hora-de-parar-eu-mimo.html>>

FOUCAULT, M. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GLORIOSA, GLORIA GROOVE. Canal da Glória Groove. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCLoL96fSeaLOen3mpDYeqtA>>

GUATTARI F. Microfísica dos poderes e micropolítica dos desejos. In: QUEIROZ A; VELASCO E CRUZ N. Foucault hoje? Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 33-41.

KAROL CONKA. Canal de Karol Conka. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/user/karolconka>>

LINN DA QUEBRADA. Canal de Linn da Quebrada. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCje0RwqumaW8Be1c1YKL7DA/featured>>

LINN DA QUEBRADA. Release. [15 Set 2016]. Disponível em: <<https://www.linndaquebrada.com/release>>

LUANA HANSEN. Canal de Luana Hansen. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCAyd9ciy2tmysiull0R-jdQ>>

MAJORLAZER. Major Lazer & DJ Snake - Lean On (feat. MØ) (Official Music Video). [22 Mar 2015]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YqeW9_5kURI>

MC XUXU. Canal da MC Xuxu. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCnE9XBIDMs7JHpggSsJaarg>>

PABLO VITTAR. Canal da Pablo Vittar. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UCugD1HAP3INAiXo70S_sAFQ>

PARA TUDO. Canal Para Tudo por Lorelay Fox. [12 Ago 2015]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=kIMKs9YgZBg>>

PAZ BERTI. Paz raperxsudaka. [15 Jun 2015]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCSJR0vJecoyYiSUD-bFs3Sw>>

RICO DALASAM. Canal do Rico Dalasam. [9 Jan 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/user/ricopahoglose>>

SPINOZA B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (p. 291).

TRIZ. Elevação Mental. [10 dez 2017]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=npGrq2lFmls&feature=youtu.be>>

WELLAUSEN S. Michel Foucault: parrhésia e cinismo. Tempo Social [Rev. Sociol. USP], São Paulo, v. 8, n. 1, mai 1996, p. 113-125.